

O SR. JOSÉ DUARTE - É, o depoimento é nesse sentido, que como a Casa tem dois lances de escada e não são lances contínuos, ou seja, começa no primeiro e vai até o término, você sobe para o primeiro andar, aí no primeiro andar você anda pelo espaço e pega o outro lance de escada; e tem duas escadas em cada extremidade.

Então, eles narram alguma coisa que por razão disso, e em razão também da quantidade de fumaça, eles não tenham encontrado o caminho da saída.

O SR. RODRIGO AMORIM - O senhor tem notícia no âmbito da 1ª Delegacia de Polícia Civil se há algum procedimento, algum inquérito instaurado no tocante à apuração do crime de exploração da prostituição, em referência exclusiva ao estabelecimento aqui narrado?

O SR. JOSÉ DUARTE - Eu tenho conhecimento que num passado houve, sim, um inquérito policial apurando esse tipo eventual ilícito e que foi relatado e enviado para as vias judiciais. Não sei o término dele.

O SR. RODRIGO AMORIM - O senhor narra que foram ouvidos em sede de inquérito alguns funcionários da Casa.

O SR. JOSÉ DUARTE - Sim.

O SR. RODRIGO AMORIM - O senhor saberia estimar quantos funcionários foram ouvidos?

O SR. JOSÉ DUARTE - Na semana foram sete; sete pessoas ouvidas. A gerente Edna foi ouvida no mesmo dia, na sexta-feira à noite; o senhor presente também foi ouvido no mesmo dia à noite. E teve mais uma pessoa. No mesmo dia ouvimos três pessoas. Na segunda-feira seguinte a notícia que eu tinha era que no momento eram sete pessoas presentes; e nós fomos, nos dias sucessivos, ouvindo todas as sete.

O SR. RODRIGO AMORIM - A Casa, no momento da fatalidade, estava funcionando?

O SR. JOSÉ DUARTE - O horário de funcionamento ia iniciar às 13h30. A notícia é que o sinistro começou por volta das onze. Não estava funcionando, só mesmo o pessoal interno trabalhando.

O SR. RODRIGO AMORIM - No momento do incêndio, somente sete pessoas trabalhando?

O SR. JOSÉ DUARTE - Somente sete pessoas trabalhando.

O SR. RODRIGO AMORIM - Obrigado, doutor. Obrigado, presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deputado Bruno Dauaire.

O SR. BRUNO DAUAIRE - Sem perguntas, sr. presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Da minha parte, também sem perguntas. Gostaria de agradecer a presença do dr. delegado titular da 1ª Delegacia de Polícia Civil, José Duarte. Obrigado pelos esclarecimentos. Todos os documentos que a comissão tiver à disposição coloca também em favor da 1ª Delegacia, caso ela tenha interesse, para que possa, não só o inquérito daqui, mas, também, o inquérito da 1ª Delegacia ter sucesso e êxito.

Obrigado, doutor.

O SR. JOSÉ DUARTE - Obrigado ao senhor, e a recíproca é verdadeira. A delegacia está à disposição no que for necessário.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Obrigado. Bom-dia.

Vamos passar a palavra para o sr. Luiz Antônio Cosenza, que é o presidente do Crea.

Sr. Luiz, bom-dia.

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - Bom-dia, deputado.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu gostaria de iniciar com a pergunta se o Crea já fez alguma fiscalização do local desde o ano de - deixe-me ver aqui quando foi a fundação do local. Não tem aqui. Mas, desde o início das operações da whiskeria o Crea chegou a fazer alguma vistoria no local? Como foi feito isso?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - Deputado, deixe-me colocar uma questão, porque a gente sempre, às vezes querem comparar o Crea com Cremerj, com OAB, essas coisas todas. Eu sempre digo o seguinte. A nossa lei é de 66 e ela tem que ser mudada. Qualquer exercício ilegal na engenharia é contravenção. Se você for ao médico e ele não for médico, ele é preso. Só que o médico, quando comete um erro, ele mata uma pessoa. A engenharia pode botar muita gente em um acidente só.

Em relação à Quatro por Quatro, nossa vizinha de parede, e nós temos conhecidos, porteiros, são amigos nossos, e tudo, eles têm várias ARTs, é anotações de responsabilidade técnica, que tem profissionais responsáveis por ela. Cabe à gente fiscalizar o exercício profissional. Eles tinham autovistoria, tinham ARTs de prevenção contra incêndio, dos equipamentos. Para a gente, eles estavam em dia. E até os bombeiros - e, aí, eu acompanhei todos os dias que os bombeiros estiveram lá, inclusive em um dos dias eles ficaram dentro do prédio para passar a noite no prédio, usaram nossa caixa d'água, nossas mangueiras, porque acho que é obrigação nossa ajudar os bombeiros. E até eu estive lá no dia que vocês homenagearam os familiares e tudo, eu uma coisa que choca ver a mestre de cerimônias quase que não conseguindo falar. E eu quero dizer o seguinte: infelizmente, eu acho que quando vocês colocaram, eu não posso ajudar muito nessa questão da Quatro por Quatro, nós não entramos lá, entramos depois que já estava mais calmo, agora nós tivemos acesso, mas eu acho que o que vocês fizeram, por exemplo, eu quero ser uma coisa mais geral, quando vocês falam em Badim, Vila Mimosa, eu posso garantir aos senhores que 90% dos incêndios são provocados por instalações elétricas. Eu acho que eu não sei como esse Centro do Rio de Janeiro, esses sobrados que tem ali, não pegam mais fogo. É lamentável isso, o brasileiro tem uma péssima tradição de não se preocupar com manutenção. Ele procura mais esconder os problemas do que resolver os problemas. E vou dar só exemplos, o Badim, chegaram para a gente: tem que prender os diretores do hospital. Eles tinham, em um ano e meio, mais de 65 contratos de manutenção. Agora, são médicos, talvez, será que fizeram a manutenção direito? Para nós, do Crea, tem um profissional, ele é responsável e responde eticamente se cometeu algum erro.

Mas eu parabenezo mesmo aqui essa comissão porque nós temos que apurar mesmo o que está acontecendo dentro dessas instalações nossas. Porque um prédio cair é mais difícil, agora pegar fogo é o tempo todo, a gente convive com isso, principalmente no Centro do Rio de Janeiro. Sabe, é o caso lá do Ninho do Urubu, em que o Ministério do Trabalho veio procurar a gente, a dra. Gisele que mostrou, só pelas fotos é muito claro o que que houve lá. E queriam condenar a empresa que forneceu o contêiner, só que ela está toda certa. Quem transformou ele em dormitório é que tem que ver, tem que ser responsável, e não quem forneceu, o contêiner pode ter sido fornecido para o almoxarifado, a gente não sabe.

Então, o que a gente precisa entender é o que está acontecendo nas instalações. Vocês que são, os coronéis aqui que são bombeiros, eu tive a oportunidade, na Rio Branco outro dia - na Rio Branco não, lá na Uruguiana -, de ver um filtro de linha com 21 tomadas, gente! Isso é inaceitável! E vamos ser claros aqui, os deputados são bem mais novos do que nós, mas no passado o único chuveiro elétrico que tinha era aquele Lorenzetti cheio de parafuso, cromado, 2.500 watts; hoje, um chuveiro, são 7.500, 6.000. E o pessoal troca o chuveiro, mas não mexe nas instalações; não mexe nas instalações, sabe? Aí, o disjuntor, abrem, vão lá e trocam, botam um de maior capacidade, só está favorecendo mais um incêndio. É ar condicionado, é sanduicheira que não tinha no passado, micro-ondas que não tinha no passado; e as pessoas não mudam. E a facilidade de crediário que aconteceu no país, as pessoas começaram a comprar, comprar, comprar, aumento de carga à vontade e ninguém se preocupa com a instalação.

Então, eu acho que o que vocês fizeram aí na Vila Mimosa, tem que ocorrer nesse Centro do Rio de Janeiro sim; e ver o que está acontecendo com essas instalações. Aquele problema que aconteceu, que caiu o revestimento na quarta-feira de cinzas numa estudante de engenharia lá no Leblon. Se ela ainda sobreviveu, que eu visitei a família, eu não sei nem como ela está hoje, sabe? Tinha feito a autovistoria, é importante que seja feita. É extremamente importante essa lei municipal aí da autovistoria, agora ela tem que ser feita corretamente, não fingir que faz e o síndico fingir que paga. Isso é que a gente tem que ver.

A Quatro por Quatro tinha a autovistoria feita. Sabe? É isso que a gente tem que ver. Agora, temos que saber o que está acontecendo. É que as pessoas, eles abandonam a questão da manutenção. Se tem uma rachadura na parede ele emassa, pinta para esconder a rachadura, ele não vai ver qual é o motivo por que está acontecendo essa rachadura, por que está acontecendo aquilo. Sabe? Isso que a gente precisa ver.

Então, não existe - não existe, eu acho que os bombeiros vão entender isso -, o pessoal tem mania de chegar para imprensa e tal, e eu sinceramente quando estavam os bombeiros lá, a gente acompanhou de perto. Ah, vai dar entrevista? Não, não vou dar entrevista porque vão querer saber por que que aconteceu lá e a gente não teve acesso. A gente não sabe o que aconteceu lá dentro. Mas não existe um acidente, ah, foi fatalidade. Não existe fatalidade. Aconteceu alguma coisa, algum erro, alguma... Sabe? Não existe. Ah, aconteceu, é uma fatalidade. Ah, um acidente, foi fatalidade. Não, ele estava... Ele tinha ingerido bebida alcoólica foi dirigir carro. Sabe, não existe essa coisa. E tem a mania de falar essa questão, dizer que é fatalidade.

Para nós, do Crea, e não é para defender a whiskeria. Para nós, a gente tem que entender se tem ou não profissional, se tem ART, se eles fizeram a manutenção. E tinha um profissional, se ele cometeu erro, é que está sendo apurado lá. Ah, mas aí a culpa é do profissional que fez, deu um laudo que está tudo bem. Tem um lado inclusive de manutenção de equipamentos de segurança contra incêndio, não sei. Porque tem lá, nós temos uma ART dessa lá. Está lá com a gente. O que a gente só saber é se foi feito direito ou não - mas aí quem contrata é que talvez não saiba, não consiga. Como não é engenheiro, talvez não saiba dizer se se foi feito direito ou não. Esse é outro problema. Cabe à gente saber se foi feito ou não. E ele está, para a gente ele estava em dia e o que vocês precisarem da gente, do Crea, a gente está à disposição a qualquer momento.

E tem uma outra área que vale a pena vocês, que são deputados, se aprofundarem mesmo: é questão do nossos hospitais. Os nossos hospitais estão caindo aos pedaços, as instalações elétricas. Amanhã pega fogo num hospital - pode ser público ou privado -, mata alguém; ah, que azar, que fatalidade. Não existe isso. E botamos os nossos conselheiros, aí a gente não faz laudo afirmando que conselheiros, eles têm suas... Trabalho, essa coisa toda; mas para ajudar uma vistoria, alguma coisa, assim como o Ministério Público esteve hoje lá com a gente, hoje, lá no Crea, fizemos um convênio para a gente fazer a vistoria nos estádios de futebol, sabe? Eu estou, a gente está à disposição de vocês. E parabenizar, que acompanhei de perto a ação dos bombeiros todos os dias estavam lá. E é uma coisa impressionante, a gente só lamenta que quem estava na Buenos Aires, como é o Crea, nós não chegávamos a ver fogo. Parece que pela outra, pela Alfândega se via fogo, mas pela Buenos Aires a gente não via fogo. E quando saiu o primeiro trabalhador lá do Corpo de Bombeiros, numa maca, gente, não é possível, o que aconteceu? Sabe? A gente lamenta mesmo. Lamenta, porque a gente tem um trabalho com a Defesa Civil, a gente tem trabalho com o Corpo de Bombeiros. Sabe? É triste. É triste o que ocorreu, de perder quatro profissionais em um incêndio que quase a gente não via fogo. Assim, é uma coisa impressionante.

Agora, parece que lá dentro tiveram dificuldade de encontrar a saída, foi o que nós soubemos. Eu entrei na Quatro por Quatro outro dia, porque eles já reformaram a parte de baixo, só para dar uma olhada e tal, foi até com presidente do conselho federal, que fica em Brasília. Ele veio visitar a gente, nós entramos lá no primeiro andar. Agora, nós inclusive ainda estamos até hoje com a nossa porta fechada, que é porta a porta com a 4x4. Abrimos a outra lá mas adiante. Mas é isso, deputados. Eu deixo o Crea à disposição de vocês para o que vocês quiserem, está bom?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Presidente, obrigado. Gostaria também de, já que o senhor coloca à disposição, sempre convidá-los a participar das nossas vistorias que teremos pela comissão - é importante um membro do Crea. Dizer também que vamos fazer uma oitiva - isso vai ser deliberado aqui -, só com relação à Light, tendo em vista que a Light hoje em dia, muitos dos focos de incêndio que tem na cidade do Rio de Janeiro são oriundos dessa rede aérea que nós temos, com fiações elétricas antigas e tudo mais.

Então, a gente vai fazer uma na qual bem convidaremos o Crea para debater tecnicamente. Até porque a CPI não tem só a função de apurar e indiciar, mas também de propor melhorias, inclusive através da legislação vigente no Estado do Rio de Janeiro. Quero colocar também um pedido ao Crea. Se o Crea tiver algum estudo de legislação que não esteja em vigência hoje no Estado do Rio de Janeiro, mas que possa colaborar com esta CPI a fim de que nós coloquemos nesta Casa novas condições de segurança também para essas regiões como, por exemplo, o Centro do Rio de Janeiro, é primordial. Porque muitas vezes as pessoas deixam para lá e o senhor colocou com muita razão. Instalações mínimas, às vezes compra um filtro de linha, uma régua e vai botando nessa régua mais um famoso "benjamin" e vai fazendo aquelas coisas que a gente sabe que acontece em muitas casas. Não me furto, às vezes acontece na minha também. Mas a gente tem que ficar sempre de olho.

E até, deputado Bruno Dauaire, se me permite, pela Comissão de Defesa Civil, a gente pensar numa destinação para promoção informativa à sociedade fluminense do que está acontecendo para tomar alguns tipos de cuidado. Porque acaba se passando despercebido, a informação nem sempre chega e, depois que acontece o acidente, não adianta mais chorar.

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - É, eu até tenho um... Parece que um projeto de lei. Porque eu entendo o seguinte: quando pedem para o Crea falar, dar uma entrevista - a gente dá muita entrevista para a TV, para essas coisas todas - eu falo: é institucional, eu vou. Se é técnico, falo pela minha área. Eu sou engenheiro eletricitista. Se for da civil, chamo um conselheiro que conhece aquela área. Cada um fala daquilo que entende, não tenha dúvida nenhuma.

Tem um PL que está... Parece que - não sei o nome do deputado agora - propondo que autovistoria possa ser feita por um técnico de edificações, por exemplo. Bom, pela nossa legislação, o técnico tem direito a fazer trabalhos até 80 metros quadrados. E a autovistoria é a partir de 1.000 metros. Então é isso tem que ser colocado. A gente tem que botar as pessoas certas para fazer aquilo que entendem, não é... Eu não vou fazer uma autovistoria da parte civil. Eu nunca fiz uma autovistoria. Agora, tem que fazer o profissional que estudou para aquilo.

Então, tem uma proposta aí - parece - de um deputado. Também não sei nem o nome dele, que colocou o técnico para fazer autovistoria. É a mesma coisa que eu lá vou discutir coisas que são dos bombeiros. Cada um tem suas atribuições. Então, é só deixar isso para vocês, mas a gente conversa com mais calma. Mas a gente precisa ter o técnico certo.

Quando a pessoa... Eu tive a oportunidade de dar uma entrevista outro dia para a TV Globo, em que eu mostrei essa questão do "benjamin". O Trigueiro - esqueci o primeiro nome dele: ah, eu uso muito "benjamin" lá em casa. Eu botei um "benjamin". Traz um "benjamin". Botel, na hora em que eu balancei, o "benjamin" caiu da tomada, sabe? Aquilo dá mau contato. O mau contato... As pessoas cansam de instalar ar condicionado, botam o fio para ligar na tomada. A primeira coisa que eles fazem - as pessoas, os proprietários -, botam a cortina na frente para esconder a tomada. Se fecha um curto-circuito ali, pega fogo na cortina, é um incêndio. E aí são os bombeiros que têm que resolver. E, lamentavelmente, qualquer perda é ruim, seja de quem for. Quanto mais perder quatro bombeiros num incêndio teoricamente, para mim, muito pequeno pelo que eles enfrentam. É triste a gente ver um incêndio daquele porte matar quatro profissionais. É lamentável, é lamentável.

Então, deixo aí o Crea à disposição, o que vocês precisarem. Está ok? Agradeço.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Muito obrigado. Deputado Rodrigo Amorim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, primeiro, quero saudar os senhores. De fato, todo o respeito desta Casa pelo Crea. E é importante - haja vista que somos transmitidos aqui pela TV Alej - esse serviço de utilidade pública à população do Rio de Janeiro. É e

importante a gente desmistificar algumas questões. Por exemplo, o Crea é uma autarquia federal, é isso?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - É isso.

O SR. RODRIGO AMORIM - E é importante que a gente diga, também, porque no inconsciente coletivo todo mundo faz alusão ao Crea. Por que o Crea não fechou tal estabelecimento? Por que o Crea não fez determinada intervenção? O Crea, de fato, é importante o que o senhor já disse, mas que reafirmo, não tem competência para fazer intervenção, fechar ou fazer qualquer tipo de intervenção com poder de polícia dessa natureza. É fato ou não?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - Não. O Crea não pode interditar uma obra. Se tiver obra irregular, quem pode interditar é a Defesa Civil. O que a gente fiscaliza é se tem profissional ou não. Nós podemos até fazer uma intervenção junto à Defesa Civil, explicar o que está acontecendo. Mas a competência de interditar uma obra é da Defesa Civil. É isso que, às vezes, as pessoas não entendem, vem o Crea: ah, o Crea não foi lá. Eu sofri crítica outro dia porque a gente não foi fiscalizar na Muzema antes do prédio cair. É um local que nem a polícia consegue entrar, como é que eu vou mandar um fiscal lá? Para multar quem? Ele não sai de lá.

Então, a gente tem que respeitar também os nossos funcionários, que são concursados. Sabe? É isso.

O SR. RODRIGO AMORIM - O Crea faz algum tipo de fiscalização externa ou não?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - Não, nós temos cinquenta e poucos fiscais no estado todo.

O SR. RODRIGO AMORIM - Mas da atividade profissional somente?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - De fiscalização.

O SR. RODRIGO AMORIM - Saber se determinada obra está cumprindo a legislação de ter um profissional técnico?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - Exatamente. Nós temos convênio com vários municípios. Estivemos em conversa, só esse ano, com os doze prefeitos. E a ideia que eu propus aos prefeitos, porque infelizmente há prefeituras que não têm um profissional, nenhum, e aí o que a gente faz? A gente leva, às vezes, quatro, cinco fiscais para aquela região, fica uma semana naquela região, entrega um relatório, às vezes, para uma prefeitura para dizer: olha, para essa obra. Eu não posso interditar a obra. Eu posso multar. Eu multo, porque, se não tiver um profissional, eu posso multar o proprietário que está fazendo obras sem um profissional. Mas eu não posso interditar a obra. Quem pode é a prefeitura, é a Defesa Civil, quando há um problema que possa causar um acidente. Entendeu?

O SR. RODRIGO AMORIM - O Crea atua institucionalmente como auxiliar processual, fazendo perícia ou...?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - Não, nós não fazemos. Até o prefeito queria que a gente fizesse a liberação da ciclovias, isso não é função do Crea. Isso não é função do Crea. A gente... Procura o Ibp, que só faz perícia, não sei o quê, e contrata uma pessoa. Até eu fiquei surpreso numa reunião que teve, que pediu, que levou o Clube de Engenharia, eu também sou conselheiro do Clube de Engenharia, o Crea, o conselho dos arquitetos, queria que a gente chegasse a um acordo para liberar a Niemeyer. Porque se a gente não chegasse a um acordo iria fazer uma consulta pública. Como é que você vai consultar o leigo se libera ou não uma Niemeyer? Entendeu?

Então, a gente não faz perícia. A gente não faz. Porque os nossos engenheiros são conselheiros. E aqui está, apesar de representar a segurança do trabalho nacional, é conselheiro do Crea também. Mas ele trabalha, as pessoas trabalham, são funcionários de empresas, são donos de empresas. E é muito heterogêneo. V. exa. deve conhecer, nós já tivemos no passado um vereador que hoje, só para v. exa. entender como é a heterogeneidade do Crea, hoje é vereador do PSOL e, do outro lado, um dono de uma construtora, são conselheiros. Então, é muito heterogêneo. E eles trabalham. E, se eles trabalham, eles não podem se dedicar a ficar fazendo perícia, porque isso leva tempo. Isso nem... Sabe? Tem um custo, eles não podem ficar... Eles não têm salário no Crea. Ninguém tem salário no Crea.

Então, eles não podem deixar a sua empresa para trabalhar para o Crea. Então, o que a gente faz, a gente pode chegar e olhar: olha, isso aqui é bom contratar um perito para saber o que... Isso é uma vistoria, não é um laudo. Porque querem, às vezes, que a gente faça laudo, o Ministério Público, essas coisas. Mas à disposição de vocês, não tem nenhum problema.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, agora se vê, deputado Bruno Dauaire, dessa Prefeitura do Rio se espera tudo, não é? Depois, se não der certo, faz uma petição pedindo piedade, coloca na conta de Deus. Ou, então, por último, chama a Márcia, para ver se ela resolve. Agora, sr. presidente, é oportuno o oferecimento do Crea no sentido de que nas próximas vistorias, sobretudo no que diz respeito aos hospitais, é importante que essa comissão informe e peça de fato auxílio ao Crea, que nos acompanhe. Seria muito salutar, por exemplo, a presença de um profissional gabaritado ali conosco, não obstante a presença dos oficiais do Corpo de Bombeiros, que desempenham sua função com maestria, mas é impressionante, por exemplo, ali na Vila Mimosa, a quantidade de gambiarras e fios e gatos e tudo que passa por cima daquele telhado, com várias marcas de incêndios que já aconteceram.

Então, mais uma vez reafirmo aqui que aquilo é uma bomba-relógio prestes a explodir a qualquer momento. Mais uma vez, agradeçamos a presença do senhor.

É só, sr. presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Obrigado, deputado Rodrigo Amorim.

Só uma última questão, rapidamente. Essas ARTs, essas anotações técnicas, são averiguadas as veracidades delas quando feitas?

O SR. LUIZ ANTÔNIO COSENZA - São. Porque não tem como. O que existe, que a gente está apurando, só para vocês verem como é complexa a coisa, o sistema Confea/Crea é o maior sistema profissional da América Latina, tem mais de um milhão de profissionais. E as pessoas para participarem de uma licitação num órgão público têm que apresentar uma certidão de acervo técnico. Essa que está tendo muita falsificação e a gente tem que apurar. Vou dar só um exemplo, para vocês terem uma ideia, que passa pelas Forças Armadas, teve uma licitação que fez manutenção num navio. A empresa ganhou e o segundo lugar foi lá e fez uma carta, e quem ganhou apresentou uma certidão de acervo técnico, emitida pelo Crea, que fez manutenção num determinado navio. O segundo lugar ficou desconfiado e mandou tomar uma carta, se essa que ganhou tinha feito manutenção nesse tal navio. A Marinha respondeu o seguinte: não existe esse navio. Agora, a gente recebe aquilo e tem que dar certidão. Essa certidão que a gente dá vem com um atestado e muitos desses atestados estão vindo falsos; e a gente tem que apurar. A mesma coisa quando a pessoa chega lá e: eu quero registrar que eu fiz um curso de engenharia ou um curso técnico; antes dos técnicos saírem, tem que apurar se é verdade aquilo, porque tem muito diploma falso. Agora, as ARTs não. Ele entra, ele faz a ART, a gente tem o número da ART e pelo número a gente sabe se aquilo... Ele não tem outro jeito. É muito difícil a ART ser falsa. Agora, certidão não. A certidão é feita de acordo com o atestado dado por quem contratou. Tipo assim: a pessoa que faz a manutenção lá no Quatro por Quatro, se quiser uma certidão ele vai lá e: diz que eu fiz isso aí. Ele assina e aí pode ser um acordo, não ter feito e... Agora, a ART não. ART não tem falsidade.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Obrigado, presidente do Crea, dr. Luiz Antônio. Agradeço a disponibilidade. Com certeza foi de grande valia a contribuição do senhor.

O senhor Alexandre Mosca quer falar agora? Vou interromper os trabalhos por 30 minutos para que todos que estão aqui possam tomar uma água, comer alguma coisa. Depois volta ou o senhor quer falar logo?

O SR. ALEXANDRE MOSCA - Sr. presidente, dois minutos, que eu tenho que sair.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Então, por favor, o senhor tem a palavra.